FACULDADE REBOUÇAS DE CAMPINA GRANDE
BACHARELADO EM FARMÁCIA

JANINE LAYSE GONÇALVES DOS SANTOS SILVA

ANÁLISE DO CONHECIMENTO DE USUÁRIAS DE CONTRACEPTIVOS ORAIS SOBRE OS RISCOS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Campina Grande – PB

2022

JANINE LAYSE GONÇALVES DOS SANTOS SILVA

ANÁLISE DO CONHECIMENTO DE USUÁRIAS DE CONTRACEPTIVOS ORAIS SOBRE OS RISCOS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à conclusão do Curso de Farmácia pela Faculdade Rebouças de Campina Grande.

Orientador: Drª Nathália Alexandra de Oliveira Cartaxo

Campina Grande – PB

2022

JANINE LAYSE GONÇALVES DOS SANTOS SILVA

ANÁLISE DO CONHECIMENTO DE USUÁRIAS DE CONTRACEPTIVOS ORAIS SOBRE OS RISCOS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade *Artigo Cientifico*, apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Farmácia pela Faculdade Rebouças.

DATA DA AVALIAÇÃO: 07 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Nathália Alexandra de Oliveira Cartaxo Furtado

Profª. Drª. Nathália Alexandra de Oliveira Cartaxo Furtado

(Orientadora - Faculdade Rebouças)

Mariana Morais Dantas

Profª. Ma. Mariana Morais Dantas

(Examinadora Interna - Faculdade Rebouças)

Karla Monik Alves da Silva

Profª. Drª. Karla Monik Alves da Silva

(Examinadora Externa - UNINASSAU)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por essa oportunidade e privilégio de está finalizando meu curso, por sempre estar me guiando, por me manter com saúde e força para superar todas as dificuldades.

Agradeço imensamente a minha mãe, Josilene, que é meu ponto de apoio em todo momento e que sempre faz de tudo para me passar os melhores ensinamentos sem medir esforços. Minha enorme gratidão pelo seu amor e por estar comigo.

Agradeço ao meu pai, Jonas, por todo o incentivo e por sempre se fazer presente em minha vida com todo seu amor. Obrigado pelo apoio, pelo esforço e por torcer sempre por mim.

Agradeço aos meus avós, Marlene, José e Rita (Em memória) , que com toda simplicidade e humildade me ensinam as melhores coisas da vida e sempre torcem para o meu melhor.

Agradeço ao meu esposo, Junior, por sempre me incentivar e por estar sempre ao meu lado junto às minhas conquistas.

Agradeço a todos os amigos que torceram e torcem por mim, principalmente as minhas melhores amigas Nathália e Francielly, que se fazem presente em minha vida, me apoiando, me incentivando a todo momento. Gratidão por tudo, meninas.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha vida durante esses 5 anos, em especial, a minha orientadora, professora Nathália, por toda paciência e ajuda ao longo deste trabalho.

Agradeço a todos que participaram de alguma forma do meu processo de formação acadêmica, o meu muito obrigado.

RESUMO

Os métodos contraceptivos hormonais são caracterizados pela combinação de hormônios sintéticos, estrogênio e progesterona, de forma isolada ou associada. Estes tem ação de inibir o amadurecimento dos óvulos para que não haja ovulação. É um método de contracepção bastante utilizado no Brasil devido sua eficácia , no entanto, também pode apresentar sérios riscos se utilizado de forma indiscriminada. Este trabalho tem como objetivo verificar se as usuárias de contraceptivos orais, independente do tempo de uso, possuem conhecimento sobre o fármaco e seus efeitos colaterais. Para isso, realizou-se uma revisão de literatura narrativa desenvolvida através de uma análise de trabalhos científicos publicados nos últimos dez anos através da base da dados Scielo, Pubmed, Lilacs, por meio dos descritores: Efeitos Colaterais, Métodos Contraceptivos, Anticoncepcionais Orais, foram excluídos os estudos com fuga do tema, e estudos que não foram publicados nos últimos dez anos. Os estudos discutem a utilização de contraceptivos orais por mulheres, assim como o conhecimento dos profissionais de saúde sobre a orientação e prescrição do uso desses medicamentos que, quando incorreta pode levar ao aparecimento de efeitos colaterais tais como enxaqueca com aura, diabetes, hipertensão arterial, cefaleia e náuseas, assim, desenvolvendo risco à saúde da usuária. Sendo assim, é necessário que haja uma participação maior do profissional da saúde, principalmente o farmacêutico, visto que, ele garante que o medicamento seja fornecido de forma correta em relação a dosagem e formulação, além de esclarecer dúvidas e orientar quanto a melhor escolha do anticoncepcional visando a qualidade de vida da paciente.

Palavras chave: Efeitos Colaterais; Métodos Contraceptivos; Anticoncepcionais Orais.

ABSTRACT

Hormonal contraceptive methods are characterized by the combination of synthetic hormones, estrogen and progesterone, alone or in combination. These have the action of inhibiting the maturation of the eggs so that there is no ovulation. It is a method of contraception widely used in Brazil due to its effectiveness, however, it can also present serious risks if used indiscriminately. This work aims to verify if users of oral contraceptives, regardless of the time of use, have knowledge about the drug and its side effects. last ten years through the Scielo, Pubmed, Lilacs database, using the descriptors: Side Effects, Contraceptive Methods, Oral Contraceptives, studies that escaped the subject, and studies that were not published in the last ten years were excluded. discuss the use of oral contraceptives by women, as well as the knowledge of health professionals about the guidance and prescription for the use of these drugs, which, when incorrect, can lead to the appearance of side effects such as migraine with aura, diabetes, high blood pressure, headache and nausea, thus developing a risk to the health of the user. Therefore, it is necessary that there is a greater participation of the health professional, mainly the pharmacist, since he ensures that the medicine is supplied correctly in relation to the dosage and formulation, in addition to clarifying doubts and guiding the best choice of medication. contraceptive aimed at the quality of life of the patient.

Keywords: Side Effects; Contraceptive Methods; Oral Contraceptives

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACH- Anticoncepcional Hormonal

ACOS- Anticoncepcionais

AVC- Acidente Vascular Cerebral

DECS - Descritores em Ciência da Saúde

DIU- Dispositivo Intrauterino

FSH- Hormônio Folículo Estimulante

GNRH - Hormônio Liberador de Gonadotrofina

LARC- Long- Acting Reversible Con-traception

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

LH- Hormônio Luteinizante

MESH- Medical Subject Headings

MCG- Microgramas

OMS - Organização Mundial de Saúde

PUBMED - National Library of Medicine

RENAME- Relação Nacional de Medicamentos Essenciais

SCIELO - Scientific Eletronic Library Online

SUS- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

2. REFERENCIAL TEÓRICO 11 2.1 Ciclo Menstrual

12 2.2 Métodos Contraceptivos

12 2.3 Contraceptivos orais: Estrógeno e Progesterona

13

2.4 Efeitos colaterais do uso de contraceptivos orais 14

2.5 Importância do Farmacêutico 18

3. METODOLOGIA 19 **4. RESULTADOS**

21

5. DISCUSSÕES 23 **6. CONCLUSÃO** 26 **REFERÊNCIAS** 28

1. INTRODUÇÃO

Estima-se que cerca de 60% das mulheres utilizam algum método contraceptivo e destes, os anticoncepcionais orais e a esterilização feminina são os métodos mais utilizados no Brasil (CORRÊA, et al. 2017; PRETES; QUADROS, 2020). A descoberta da contracepção hormonal é considerada uma libertação feminina, pois proporcionou o controle nas taxas de natalidade e planejamento familiar. Além disso, amenizou casos de gravidez precoce ou indesejada (SILVA, 2017).

Os métodos contraceptivos hormonais são caracterizados pela combinação de hormônios sintéticos, sendo estrogênio e a progesterona que pode ser apresentada de forma isolada ou associada, com ação de inibir o amadurecimento dos óvulos para que não haja a ovulação. Barbosa e Chaves (2021) explicam que a contracepção hormonal é um método bastante utilizado no Brasil, pela sua eficácia e outros benefícios, como por exemplo, regularização do ciclo menstrual, redução de cólicas, diminuição da acne, diminuição de casos de anemia, proteção contra o câncer de ovário, câncer de mama e gravidez, doenças inflamatórias pélvicas, dismenorreia, mastodinia, hiperplasia e neoplasia do endométrio, endometriose, cistos funcionais, hirsutismo (ALMEIDA, ASSIS, 2017; LIMA et al., 2019).

Brandt, Oliveira e Burci (2018) relatam que os Serviços de Saúde ofertam métodos contraceptivos de fácil acesso, Olsen et al (2018) complementa que são 15 tipos incluindo os anéis vaginais, adesivos e outros. Além de informações dos profissionais ao casal para a escolha correta e que melhor se adapta à sua realidade, visando minimizar os riscos ou uma gravidez indesejada.

Geralmente, há uma maior procura pelos métodos, informações e utilização pelas mulheres, uma vez que, é visto de acordo com a cultura feminina, individualidade e o contexto social o papel de prevenção e planejamento familiar parte da sociedade feminina (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Corrêa et al., (2017) esclarecem que quando os contraceptivos orais são utilizados de forma correta e contínua, a taxa de sucesso terapêutico é alta, proporcionando a mulher controle efetivo e seguro da fecundidade. Porém, é estimado que 40% das mulheres que utilizam o anticoncepcional oral interrompem o uso nos primeiros 12 meses em consequência da falta de acompanhamento profissional, pois

muitas utilizam sem prescrição. Isso se dá pelo fácil acesso a esses contraceptivos e consequentemente a automedicação (PRETES; QUADROS, 2020).

Geralmente, após a primeira dosagem dos anticoncepcionais hormonais há o aparecimento de alguns efeitos colaterais, como: dores de cabeça, tonturas, náuseas, vômitos, irritabilidade, mastalgia, aumento do apetite com consequente ganho de peso, queda de cabelo e alterações no apetite sexual o que acaba deixando as mulheres inseguras quanto a sua segurança e consequentemente afetando sua eficácia (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

Segundo Lima et al., (2019) os anticoncepcionais, sem exceção, possuem algum tipo de contraindicação, além disso os mesmos podem sofrer algum tipo de interação se for ingerido durante algum outro tratamento, como por exemplo, com antibióticos devido alguns ter a capacidade de diminuir o efeito do anticoncepcional, e consequentemente aumentando o risco de gestação.

Outra questão relacionada ao uso de contraceptivos hormonais, são os efeitos colaterais, que de acordo com Lima et al., (2019) os mais indesejados estão associados ao uso prolongado dos contraceptivos orais. E traz como exemplo de risco os eventos trombóticos nas mulheres, citando a trombose venosa profunda, o acidente vascular cerebral e o infarto agudo do miocárdio.

Com isso, é necessário que o profissional da saúde tenha conhecimento suficiente sobre o fármaco, seus benefícios e malefícios para que faça uma orientação correta ao paciente. O farmacêutico, por sua vez, é o profissional mais adequado e qualificado para fornecer informação e esclarecimento sobre qualquer medicamento (PINHEIRO et al., 2021).

Vale salientar que é importante ouvir as pacientes que utilizam esse medicamento para saber se possuem conhecimento sobre os efeitos colaterais com a terapia de contraceptivo oral. No entanto, este estudo teve como objetivo entender o perfil das mulheres usuárias de contraceptivos orais, independente do tempo de uso, se possuem conhecimento sobre os possíveis efeitos colaterais existentes no uso de contraceptivo oral, e se elas percebem que sofrem com algum deles.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Ciclo Menstrual

Wolpe e Granzoti (2020) explicam que o estrogênio e a progesterona são hormônios ovarianos responsáveis pela menstruação, eles afetam tipos de tecidos em diferentes níveis ocorrendo uma multiplicidade de funções biológicas. O ciclo menstrual dura em torno 28 dias, é caracterizado pela produção de gametas que ocorrem em ciclos mensais durando de 2 a 4 dias de sangramento uterino, chamado de menstruação. Durante o ciclo menstrual ocorrem mudanças no que tange aos ovários, conhecido como ciclo ovariano (MELO, 2020).

Melo (2020) esclarecem que o revestimento endometrial do útero sofre transformações, fase essa conhecida como ciclo uterino que é dividido em três fases: menstruação, fase proliferativa e fase secretória. O ciclo menstrual é formado por três fases: folicular, ovulatória e lútea. Inicialmente ao final da menstruação tem-se a fase folicular é caracterizado por uma maior produção do hormônio de liberação das gonadotrofinas, o mesmo age estimulando a hipófise na produção e liberação do hormônio folículo-estimulante (FSH) e hormônio luteinizante (LH) (SANTOS et al., 2020).

Na fase lútea ou pós-ovulatória o corpo lúteo em cerca de duas semanas segue produzindo progesterona e estrógenos e, logo após se o ovócito for fecundado o corpo lúteo permanece seu tempo de atividade pela ação de gonadotrofina ou, caso contrário, há a degeneração resultando na diminuição dos níveis sanguíneos de progesterona e estrógenos diminuem, provocando a descamação do endométrio e menstruação, além disso, há a estimulação para produção de e GnRH, LH e FSH para início de um novo ciclo menstrual (SANTOS et al., 2020).

2.2 Métodos Contraceptivos

Os métodos contraceptivos são classificados em reversíveis e definitivos. Os reversíveis são métodos comportamentais, métodos de barreira, métodos hormonais, dispositivo intrauterino (DIU) e método de contracepção de emergência, como pílula do dia seguinte, porém os métodos definitivos são que precisam de esterilização como os cirúrgicos.(BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Os contraceptivos intra uterinos são métodos de planejamento familiar e cada vez mais estão sendo utilizados, são normalmente objetos de plástico flexível em forma de T, com aproximadamente 30 mm (MATOS, 2020). E como explica Merz, Qutiérrez-sacristán e Bartz (2021) só age no local em que se situa: cavidade uterina

DIU de cobre, DIU de levonorgestrel e implante subdérmico, os contraceptivos reversíveis de longa duração (Long-Acting Reversible Con-traception - LARC) não dependem das usuárias para serem efetivos, como por exemplo os contraceptivos orais que precisam que as suas usuárias tenham o controle do horário de ingestão e a manutenção diária do uso do medicamento (SORGI; CALLEGARI; CARBOL, 2019). Uma das vantagens deles é que são indicados para mulheres em qualquer fase da vida reprodutiva, e que tenham diversos tipos de patologias e contraindicação aos estrogênios mínimos, e possuem três anos de duração (DIEDRICH, J.T. KLEIN, D.A.; PEIPERT, 2017; SORGI; CALLEGARI; CARBOL, 2019).

Mouro e Gonçalves (2021) explicam que o contraceptivo de emergência é um medicamento que tem demonstrado eficácia em caso de emergência se utilizado no tempo estabelecido, quando é feito o uso da pílula a mesma age provocando uma alteração do ciclo menstrual da mulher, o levonorgestrel atua somente anterior a implantação do óvulo fecundado no útero, caso o óvulo esteja já fixado na parede uterina a pílula perde sua eficácia, por isso o mesmo precisa ser inserido logo após a relação sexual.

2.3 Contraceptivos orais: Estrógeno e Progesterona

Pinto, Rodovalho-Callegari e Carbol (2020) explicam que os contraceptivos orais são compostos por uma associação de um estrogênio e um progestógeno. Os medicamentos disponíveis no mercado apresentam-se sob diferentes composições, contendo estrogênios e/ou progestagênios em várias concentrações, sendo utilizados em tratamento com durações variáveis e são destacados como um grande avanço na contracepção (CARRIAS, et al., 2019).

Esses métodos são compostos por hormônios progestágenos que atuam na hipófise liberando os hormônios gonadotróficos, assim impedindo que haja a ovulação. Além disso, possuem capacidade de promover mudanças nas

características físico-químicas do muco cervical e do endométrio (SANTOS, et al., 2020).

O mecanismo de ação dos anticoncepcionais hormonais orais consiste na supressão de fatores hipotalâmico na liberação do hormônio folículo estimulante (FSH) e do hormônio luteinizante (LH) através do mecanismo de "*feedback*", inibindo a ovulação e impedindo a fecundação por meio dos hormônios sintéticos presentes nesses contraceptivos (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018; SOUSA; ÁLVARES, 2018).

Carrias et al., (2019) complementam que esses medicamentos podem ser classificados quanto à composição hormonal, podendo ser dividido em método combinados, ou seja, composto por estrógeno e progestágenos e o não combinado que é composto apenas por progestágenos. É possível agrupá-lo em contraceptivos combinados de primeira, segunda e terceira geração podendo ser monofásicos, bifásicos e trifásicos cada um com suas características específicas (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018). Os monofásicos podem conter 21, 24 ou 28 comprimidos todos com a mesma composição e dosagem hormonal. Os bifásicos possuem a mesma composição, mas são divididos em duas fases de dosagem. Os trifásicos são divididos em três fases de diferentes dosagens hormonais. De acordo com a dose de etinilestradiol, são classificados como de dose baixa (≤30µg), média (>30 e <50µg) e alta (≥50µg) (GUEDES, et al., 2018; BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Em relação à via de administração, a contracepção hormonal possui a via oral a mais comumente utilizada, porém, existem produtos para a via injetável, implantes, anéis, vaginais, dispositivos intrauterinos de progesterona e adesivos cutâneos que facilitam a adesão da utilização do medicamento pelas mulheres (BORGES; TORRESAN, 2018).

Além disso, os estrógenos e progestágenos possuem uma gama de atividades fisiológicas, sendo utilizados também para o tratamento hormonal da menopausa (PEREIRA; ANGONESI, 2009). O hormônio da progesterona é um modulador das funções reprodutivas normais (BRANDT; RODRIGUES; BURCI, 2016).

O componente progestogênico confere os principais efeitos contraceptivos, pois, atua na inibição do pico pré-ovulatório do hormônio luteinizante, além de agir no espessamento do muco cervical o que dificulta a passagem dos espermatozoides até

a porção ampular da tuba uterina, impedindo uma gravidez, assim como, diminui os movimentos peristálticos tubários dificultando a captação do óvulo e a migração do embrião até a cavidade uterina; e inibe a proliferação do endométrio, tornando-o atrófico prejudicando a implantação embrionária (PINTO; RODOVALHO-CALLEGARI; CARBOL, 2020).

O estrógeno atua na supressão do hormônio folículo estimulante (FSH), desta forma, evitando o crescimento folicular e a emergência de um folículo dominante. Além de estabiliza o endométrio diminuir a incidência de sangramentos durante o tratamento com os contraceptivos e possui a capacidade de potencializar a ação dos progestagênios através do aumento dos receptores de progesterona intracelulares, permitindo desta forma, o uso de doses mais baixas deste hormônio com a finalidade de impedir a gravidez (DRAGOMAN, 2014).

No Brasil, os contraceptivos orais que constam da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) são fornecidos nos serviços público de saúde e no Programa Farmácia Popular do Brasil, logo, os medicamentos disponíveis são o acetato de medroxiprogesterona; enantato de noretisterona + valerato de estradiol; etinilestradiol + levonorgestrel 0,03 mg + 0,15 mg; e noretisterona 0,35 mg. Além disso, também foram fornecidos contraceptivos de emergência: levonorgestrel 0,75 mg e misoprostol 0,025 mg e 0,2 mg nos serviços públicos de saúde (FARIAS, et al., 2016).

2.4 Efeitos colaterais do uso de contraceptivos orais

No caso específico do uso de contraceptivo oral é possível encontrar em 57,0% dos casos a ocorrência de efeitos colaterais que atrapalham a continuação da terapia medicamentosa (CORRÊA, et al. 2017). Dentre os efeitos colaterais mais comuns, encontra-se o aumento do risco de câncer, a doença tromboembólica, as alterações no metabolismo dos lipídios e carboidratos, e a hipertensão arterial (CARIAS, et al., 2019).

Outros efeitos paralelos incluem a cefaléia, aumento de peso, náuseas, mastalgia e perda de sangue fora do ciclo. Além disso, estudos mostram que a utilização desses contraceptivos altera os níveis de colesterol e de lipoproteínas

circulantes causando mais facilidade no desenvolvimento de doenças cardiovasculares (PRETES; QUADROS, 2020).

A dosagem das pílulas é outro fator importante, pois, a Organização Mundial da Saúde (OMS) aconselha que as pílulas anticoncepcionais orais sejam compostas de fórmulas de baixa dosagem (BRANDT; RODRIGUES; BURCI, 2016). Em 1960, as pílulas anticoncepcionais possuíam uma alta dosagem, sendo assim, 150 µg de estrogênio e 10 mg de progesterona. Consequentemente havia um frequente aparecimento de efeitos colaterais relacionada a essas dosagens, por isso, a quantidade hormonal das pílulas foi reduzida por menos de 50 µg de estrogênio e 1,5 mg de progesterona, visando diminuir os efeitos e manter a segurança da mesma (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

Os contraceptivos orais de baixas dosagens de estrogênio e progesterona associados a estilo de vida sedentária auxilia na modificação do metabolismo das proteínas que estar relacionado ao aumento dos níveis de colesterol total e triglicérides, o que pode causar alterações no peso, aumentar o risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares e tromboembólicas devido a alterações no perfil lipídico e hemostático (POMPERMAIER; ZANELLA; PALUDO,2021). Alterações na hemostasia sanguínea são diretamente associadas aos acontecimentos trombóticos, devidas alterações pode ocorrer por diversos fatores como: idade (40 anos acima), varizes, obesidade, tabagismo, pós-parto, uso de anticoncepcionais, gravidez, câncer, insuficiência cardíaca, doenças agudas, bronquite, enfisema pulmonar, fraturas ósseas, AVC, cirurgias e reposição hormonal (SILVA, 2017).

O uso de anticoncepcionais orais também está associado a trombose, a qual consiste em uma doença desenvolvida pela formação de coágulos em veias profunda que provocam o bloqueio da circulação sanguínea por um coágulo, impedindo deste modo a oxigenação do tecido afetado, sendo mais comum em membros inferiores, porém, pode ocorrer em outras regiões do corpo, provocando em exemplo o infarto do miocárdio (CRUZ; BOTTEGA; PAIVA, 2021). Os fatores de risco podem ser classificados em três formas: hereditários, adquiridas, associação provável (SOUSA; ÁLVARES, 2018).

A dose de estrogênio sintético existente na composição da pílula pode causar alto risco de trombose em mulheres com predisposição a doenças cardiovasculares e que fazem a utilização da mesma, pois, quando presente na corrente sanguínea estimula o aumento na formação da trombina, assim como elevação dos fatores de coagulação e diminuição dos inibidores, gerando efeito pró-coagulante leve (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

O tipo de progestogênio que se encontra na formulação do medicamento foi indicado como fator de risco para o desenvolvimento de trombose. Por isso, foram formulados novos progestagênios, chamados de terceira geração, esses caracterizados por possuírem menos efeitos adversos comparados aos de segunda geração (SILVA, 2017).

Os progestágenos de terceira geração associado ao estrogênio possuem resultados para trombose venosa profunda devido a capacidade de se ligar aos receptores de progesterona e estrogênio. Logo, desenvolvem resistência à proteína C e aumentam, portanto, fatores presentes na cascata de coagulação reduzem a proteína S e inibem Processo fibrinolítico (SOUSA; ÁLVARES, 2018). Existem várias contraindicações quando o tema é contraceptivos hormonais, conforme ilustrado no quadro 01.

Quadro 1. Tabela de contraindicações dos anticoncepcionais hormonais

Legenda

Anticoncepcionais Orais	ACOs
Contraceptivos Injetáveis	CIs
Adesivos Contraceptivos Transdérmicos	Adesivos
Sistema Intrauterino Liberador de Levonorgestrel	SIU-LNG

	Anticoncepção de Emergência				AE
Contraindicações	ACOs	CIs	Adesivos	SIU-LNG	AE
Neoplasia estrogênio-dependente que seja atual ou em progresso; Tumor hepático maligno, benigno ou em progresso; Uso concomitante com antibióticos, anticonvulsivantes e fungicidas. Doença falciforme; Tabagistas; Icterícia induzida por bile					
Mulheres que possuem mais de 35 anos (métodos combinados); Hiperlipidemia congênita; Distúrbio tromboembólico Hipertensão Arterial Sistêmica; Diabetes Mellitus; Acidente Vascular Encefálico;					
Função hepática agravada; Câncer de mama ou suspeita; Obesidade;					
Suspeita de gravidez;					
Cardiopatias valvulares; Patologias mamárias; Patologias endometriais; Alcoolismo; Câncer genital; Enxaqueca grave recidivante; Patologias estrogênio-dependentes (endometriose e mioma uterino);					
Sangramento vaginal não esclarecido Câncer de útero					
Osteoporose; Intolerância a um ou mais componentes da fórmula; Embolia pulmonar ou ocular;					
Trombose venosa profunda;					
Infecção pélvica; Distorção da cavidade uterina e dor; Deformidade na cavidade endometrial, Malformação da cavidade uterina; Estenose do colo de útero; Lesão estrutural e histológica como mioma maior que 3 cm; Biópsia endometrial com malignidade; Imunodepressão; Histórico de reflexo vasovagal; Distúrbio tromboembólico					

Fonte: Adaptado de Moreira et al (2022, p.66)

2.5 Importância do Farmacêutico

O farmacêutico se trata de um especialista para destrinchar as informações sobre medicamentos, manejando técnicas e conseguindo transmitir informações com clareza, para que o paciente tenha sintomas menores e não cause reações adversas por questão de forma farmacêutica ou forma de uso. (RANIERI; SILVA., 2011) Com

isso, o mesmo vai analisar o histórico da mulher, identificando as predisposições e características relacionadas à segurança do contraceptivo hormonal. Sendo assim, a atenção farmacêutica fornece orientação em saúde visando a segurança e eficácia da terapia ao paciente (BEZERRA;ANDRADE,2022).

Segundo o Código de Ética Farmacêutica Brasileiro (Conselho Federal de Farmácia), o farmacêutico tem dever de contribuir com a busca da saúde do paciente, a fim de orientar em todos os sentidos. Com isso, a atenção farmacêutica vem atuando para compreender atitudes, recuperação da saúde, valores éticos e também o comprometimento na prevenção da saúde.

O profissional farmacêutico é a pessoa mais apta a oferecer informações sobre medicamentos através dos seus conhecimentos. A assistência farmacêutica promove um atendimento personalizado, humanizado e cientificamente correto e com isso torna-se relevante para uma farmacoterapia bem sucedida (OLIVEIRA; COSTAS; FRANCO,2021).

3. METODOLOGIA

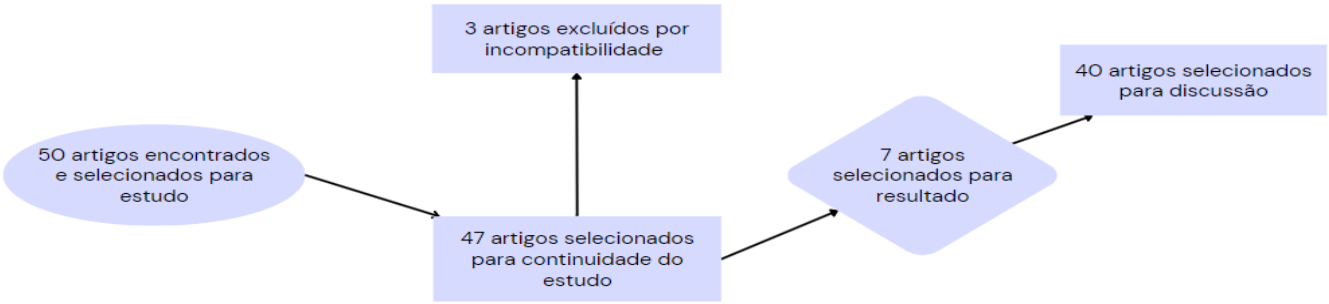
Foi realizada uma revisão de literatura narrativa, desenvolvida por meio de uma análise de trabalhos científicos publicados em periódicos disponíveis em bases de dados.

De acordo com Mattos (2011), a revisão narrativa, não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para realizar a busca e análise crítica da literatura. Outro ponto, é que esse tipo de literatura não precisa esgotar as fontes de informações, podendo ser usado para a fundamentação teórica vários documentos publicados, a pesquisa tem cunho exploratório.

Desta forma, para este trabalho foram avaliados artigos publicados em periódicos científicos nos últimos dez anos. As bases de dados utilizadas foram Scientific Eletronic Library Online (SciELO), National Library of Medicine (PubMed), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), nos idiomas de português e que abordam o referido tema que é o uso de contraceptivos orais por mulheres. Os artigos foram avaliados por meio dos descritores: Contraceptivos, Anticoncepcionais, Efeitos Anticoncepcionais, Anticonceptivo, Contraceptivos Orais, Efeitos Adversos, indexados em descritores em Ciência da Saúde (DeCS) e do Medical Subject Headings (MESH), utilizando os operadores booleanos AND e/ou OR para os cruzamentos, como: Anticoncepcional AND Efeitos Adversos.

Foram excluídos os estudos com fuga do tema, e estudos realizados com mulheres que fizeram o uso de outros tipos de anticoncepcionais não-orais, além dos estudos que não foram publicados nos últimos dez anos. A análise de dados foi realizada em três etapas: a pró-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados, respeitando dessa forma, as fases da técnica de investigação para ser fidedigno aos resultados. Os trabalhos foram avaliados e após uma leitura crítica foram observadas informações que reportaram quais são os efeitos colaterais que são relatados por essas mulheres que fazem uso de contraceptivo oral.

Quadro 2. Fluxograma dos artigos selecionados pela revisão de literatura



Fonte: Autoria própria (2022)

4. RESULTADOS

As buscas realizadas remeteram a um total de sete estudos cujas as descrições e informações relevantes estão expostas no quadro 02, em ordem cronológica.

Quadro 3. Estudos que descrevem a utilização de contraceptivos orais por mulheres.

Autor(ano)	Objetivo	Metodologia	Resultados
Giglio et al. (2015)	Avaliar os conhecimentos de internos de Medicina de uma universidade a respeito da prescrição de anticoncepcionais hormonais de acordo com o Guia da OMS	Estudo transversal, descritivo, com alunos do quinto e sexto ano de Medicina de uma universidade em Goiânia (GO)	Responderam ao questionário 92% dos acadêmicos, dos quais 72% afirmaram se sentir aptos a prescrever anticoncepcionais hormonais (ACH). Os acertos variaram de 3%, na prescrição correta em hipertensas leves, a 27%, em mulheres com cefaleia leve sem sinais focais
Steckert, Nunes e Alano (2016)	Investigar o uso de CHO por estudantes de uma Instituição de Ensino Superior, Brasil	Estudo epidemiológico tipo transversal quantitativo	O estudo mostrou a existência de fatores que podem diminuir a eficácia e, mesmo, aumentar os riscos à saúde
Cabral et al (2018)	Investigar a prevalência dos efeitos colaterais do uso de anticoncepcionais oral em mulheres que estudam na Faculdade de Medicina de Olinda	Estudo é transversal, prospectivo, observacional e descritivo, mostra foi e probabilística e randomizada	Foram observadas 35 (31,5%) acadêmicas que apresentaram efeitos colaterais. Destas, 29 (82,9%) apresentaram mais de um efeito colateral. Entre estes, os mais frequentes foram: cefaleia, retenção hídrica e ganho de peso. Os achados evidenciam a frequência de efeitos colaterais em acadêmicas de medicina da Faculdade de Medicina de Olinda dentro do intervalo de confiança relatado na literatura
Jurno et al (2020)	Identificar se os anticoncepcionais hormonais são prescritos por médicos e se as usuárias têm conhecimento dos possíveis efeitos adversos, especificamente desenvolvimento de doenças cerebrovasculares, relacionados ao uso destes medicamentos associados à presença de migrânea	Estudo transversal observacional. A amostra foi composta por 1000 mulheres, de 18 a 44 anos de idade usuárias do SUS na cidade de Barbacena	Observou-se que das 1000 entrevistadas, 264 utilizavam anticoncepcionais hormonais (prescrito por médico, e destas, 57% tinham conhecimento prévio do risco de desenvolver doenças cerebrovasculares com uso de anticoncepcionais hormonais , e apenas 32,9% das mesmas 264 conheciam sobre a relação do uso de anticoncepcionais hormonais associado à migrânea e o risco de desenvolvimento/agravo de doenças cerebrovasculares
Wit, et al. (2020)	Investigar a associação entre o uso de contraceptivos orais e sintomas depressivos e verificar se essa associação é afetada pela	Usou-se dados de uma grande pesquisa longitudinal de adolescentes na Holanda,	Neste estudo de coorte de 1.010 adolescentes acompanhados por 9 anos, usuárias de anticoncepcionais orais de 16 anos apresentaram escores de sintomas depressivos

	idade e quais sintomas específicos estão associados ao uso de contraceptivos orais.	incluindo 1.010 adolescentes cujos sintomas depressivos foram avaliados por meio de questionários validados e sensíveis para sintomas depressivos em até 4 ondas por 9 anos.	simultâneos mais altos em comparação com suas contrapartes que não usavam anticoncepcionais orais. As usuárias de anticoncepcionais orais relataram mais choro, problemas alimentares e hipersonia em comparação com as não usuárias.
Karlsson, T. et al, (2021)	O objetivo deste estudo foi determinar associações dependentes do tempo e de longo prazo entre o uso de contraceptivos orais e câncer de mama, ovário e endométrio.	Estudo observacional de um estudo de coorte transversal incluindo mais de 250.000 mulheres nascidas entre 1939 e 1970.	Dado o conjunto de evidências apresentadas no estudo, os autores verificaram que os contraceptivos orais podem reduzir drasticamente o risco de câncer de ovário e endométrio nas mulheres, enquanto seu efeito sobre o risco de câncer de mama ao longo da vida é limitado.
Duarte et al (2021),	Analisar o uso de contracepção hormonal pelas acadêmicas de Medicina, assim como avaliar os fatores de risco e o conhecimento sobre o uso da contracepção hormonal.	Estudo transversal, descritivo; para a coleta dos dados, utilizou-se um formulário composto de quatro partes	A maioria das entrevistadas são usuárias de anticoncepcional oral combinado por até 5 anos, sendo o principal motivo para o uso a contracepção. As alunas possuem conhecimento sobre os riscos. Sendo assim, mesmo se tratando de curso de Medicina, ainda existem alunas que não possuem conhecimento quanto à utilização dos anticoncepcionais, o que demonstra a necessidade de haver auxílio de um profissional nesse momento.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

De acordo com os estudos escolhidos da literatura, os artigos discutem a utilização de contraceptivos orais por mulheres, assim como o conhecimento dos profissionais de saúde sobre a orientação, principais efeitos colaterais e prescrição do uso desses medicamentos.

5. DISCUSSÕES

De acordo com a pesquisa de Giglio et al., (2015) com 179 estudantes do curso de medicina entre o 9º e o 12º período concluíram que grande parte apresentaram

conhecimento inconsistente diante situações especiais que fazem parte prática clínica. Com a metodologia semelhante, nos resultados da pesquisa de Borges, Sabino, Tavares (2016) com acadêmicas da área da saúde do curso de enfermagem e medicina foi observado que nos primeiros anos da graduação as estudantes possuem conhecimento inferior sobre a existência de efeitos colaterais dos métodos contraceptivos orais quando comparadas as discentes do final do curso.

Cabral et al., (2018) realizou uma pesquisa com 212 meninas entre 18 e 35 anos onde 90 faziam uso de anticoncepcionais orais e 29 delas relataram a ocorrência de mais de um efeito colateral enquanto 6 alegaram ter apenas um efeito colateral, dentre os efeitos colaterais relatados estão: cefaleia, escape, ganho de peso, perda de peso, alterações de humor, diminuição da libido, sensibilidade mamária, retenção híbrida e náuseas mas 55 das mulheres não apresentaram nenhum efeito. Os dados do atual estudo corroboram com os resultados apresentados por Américo et al., (2013) em que as mulheres que usam os anticoncepcionais por mais tempo conhecem mais sobre seus efeitos colaterais. Entretanto, no mesmo foi relacionado o grau de conhecimento sobre uso correto com a idade, escolaridade, renda familiar mensal, tempo de do fármaco e complicações com escolaridade e observou-se quanto maior a escolaridade e/ou renda familiar era maior o conhecimento das mulheres sobre a utilização de forma correta desses fármacos.

No estudo de Cabral et al., (2018) foi visto que as estudantes que utilizavam as pílulas com 20mcg a mais de etinilestradiol alegaram sofrer com efeitos colaterais. E em seu estudo Santiago, Sato e Siqueira (2017) constatou que os efeitos colaterais mais frequentes são cefaléia, náusea, alteração de humor, ganho de peso, sangramento anormal, acne, tontura e tromboembolismo pulmonar. Outro ponto, é a associação entre o uso de contraceptivos orais e o desenvolvimento de sintomas depressivos foi relacionada no estudo de Wit e colaboradores (2020) que identificou o aparecimento sintomas depressivos nas adolescentes simultâneos mais altos, assim como foi relatado pelas usuárias de anticoncepcionais orais a ocorrência de eventos de crise de choro, problemas alimentares e hipersonia em comparação com as não usuárias.

Jurno et al., (2020) enfatiza em sua pesquisa que praticamente metade das mulheres que tomam anticoncepcional por prescrição médica não tinham

conhecimento do risco de desenvolver doenças cerebrovasculares e do aparecimento de migrânea associado ao uso. É válido informar às mulheres sobre a forma correta e escolha do uso dos contraceptivos hormonais orais. Da mesma forma, no estudo conduzido por Fonseca, Gomes e Barreto (2015) que 46% das entrevistadas fazem a utilização por indicação médica, 30% por indicação familiar, apenas 10% por indicação farmacêutica e 7% por enfermeiros. Já o estudo de Duarte et al (2021) realizou uma pesquisa com 253 acadêmicas, apenas 106 utilizavam por prescrição médica. Porém, das 181, apenas 139 responderam ter conhecimento sobre os riscos do uso, e dessas apenas 57,6% falaram que foi o médico que as orientou a respeito do tema.

De acordo com o estudo feito por Steckert, Nunes e Alano (2016) os contraceptivos hormonais podem modificar e desencadear crises de enxaqueca e quando é utilizada por mulheres que já apresentam enxaqueca a propensão de desenvolver um AVC pode aumentar. Em complemento com o atual trabalho, Jurema, et al., (2021) evidenciou em seus estudo que o uso de tais fármacos podem acarretar graves danos a saúde das usuárias pois como em sua maioria utilizam de forma longa e continua, sendo um fato importante para usuárias que também fazem uso de tabagismo e tenham obesidade, com históricos de, enxaqueca com aura, diabetes, hipertensão arterial e entre outros, contendo riscos expressivos para todas as patologias crônicas.

O uso de contraceptivos orais também foi relacionado com o risco de câncer de mama, ovário e endométrio, e este fato foi objetivo de estudo na pesquisa de Karlsson, et al., (2021) que realizou um estudo observacional em 256.661 mulheres do UK Biobank, nascidas entre 1939 e 1970 e com isso, verificou-se que o uso de contraceptivos orais proporcionou um efeito protetor contra o câncer de ovário e endométrio até 30 a 35 anos após a descontinuação, ou seja, as chances foram menores para câncer de ovário e endométrio, em comparação com as mulheres que nunca usaram. Além disso, os autores evidenciaram que a associação entre o uso de contraceptivos orais e o câncer de mama depende do tempo e da idade, porém, as maiores chances de câncer de mama parecem ocorrer em associação com a descontinuação do uso de contraceptivos orais.

Assim como qualquer outro medicamento, os anticoncepcionais devem ser usados de forma correta e por orientação médica, pois, ainda assim, se trata de um

assunto novo, já que nem todas as gerações conhecem sua função e forma de utilização, pois não faziam usos anteriormente. Sendo necessário o acompanhamento para que seja analisada dosagem de fármaco correto para cada indivíduo. (ANDRADE, et al., 2022).

Segundo Silva et al., (2021), o farmacêutico será o primeiro contato do paciente para a orientação por sua especialização, com isso, identificando possíveis interações medicamentosas. Porém foi descartado com Ferreira et al., (2022) que a orientação é de suma importância para a melhoria da saúde e garantir também a eficácia do tratamento.

6. CONCLUSÃO

Os anticoncepcionais orais são considerados um método bastante utilizado pelas mulheres, por mais que haja uma preocupação a respeito dessa utilização devido aos aspectos que devem ser analisados ao prescrever e utilizar esse fármaco.

Foi observado nos textos consultados que a maioria das mulheres utilizam o contraceptivo oral por conta própria ou por indicação de terceiros, sendo assim, sem uma orientação médica ou farmacêutica que são profissionais habilitados quanto à orientação do medicamento. Porém, foi visto em estudos selecionados para análise que as estudantes de Medicina demonstraram dificuldade e falta de conhecimento quanto à utilização dos anticoncepcionais orais. Apesar de serem indicados sem restrição, seu uso pode estar relacionado a fatores de risco à saúde da mulher que podem ser agravados conforme a predisposição da usuária, visto que, existem aspectos que precisam ser levados em consideração no momento da escolha do contraceptivo oral.

Como visto, cada apresentação irá acarretar efeitos colaterais e de acordo com os estudos os mais apresentados foram: ganho de peso, cefaleia, náuseas, alterações de humor, diminuição da libido, acne, além do risco do desenvolvimento de tromboembolismo e ao risco de câncer de mama, ovário e endométrio.

Diante do exposto, pensando no bem-estar das mulheres faz-se necessário ações de conscientização por meio dos profissionais da saúde sobre o uso de contraceptivos orais, uma vez que, é indispensável a atuação do farmacêutico como profissional da saúde no momento de indicar, esclarecer e contraindicar sobre o determinado método contraceptivo para que haja a diminuição de aparecimento de efeitos colaterais e indicação errônea, visando a qualidade de vida e uma farmacoterapia bem sucedida da paciente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. F.; ASSIS, M. M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.

AMÉRICO, C. F. et al. Conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado de baixa dose sobre o método. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, p. 928-934, 2013.

BARBOSA, A. S.; CHAVES, C. T. O. P. Consequences of continuous use of contraceptive: an alert to women. **Res., Soc. Dev.**, v. 10, n. 15, p. e349101522949-e349101522949, 2021.

BRANDT, G. P.; OLIVEIRA, A. P. R.; BURCI, L. M. Anticoncepcionais hormonais na atualidade: um novo paradigma para o planejamento familiar. **Revista Gestão Saúde**, v. 18, n. 1, p. 54-62, 2018.

BRANDT, G. P.; OLIVEIRA, A. P. R.; BURCI, L. M. Conhecimento de usuárias de anticoncepcionais orais acerca de hábitos e interações medicamentosas em uma unidade básica de saúde. **Visão Acadêmica**, v. 17, n. 4, 2017.

BORGES, M. C.; SABINO, A. M. N. F.; TAVARES, B. B. Conhecimento sobre os efeitos dos contraceptivos hormonais por acadêmicas da saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 4, 2016.

BORGES, J. B. R.; TORRESAN, R. Z. Breast cancer and hormonal contraception: Should we rethink our concepts?. **Revista Associação Medica Brasil**, v. 64, p. 201-203, 2018.

CABRAL, N. M. M. D. et al. Prevalência dos efeitos colaterais pelo uso de anticoncepcionais orais em estudantes de medicina de uma instituição privada. **ANAIS** Da Faculdade De Medicina De Olinda, v. 1, n. 2, p. 28-34, 2018.

CARRIAS, D. T. S. et al. Efeitos adversos associados a uso de contraceptivos orais em discentes. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 17, n. 3, p. 142-146, 2019.

CRUZ, S. L. A.; BOTTEGA, D. S.; PAIVA, M. J. M. Anticoncepcional oral: efeitos colaterais e a sua relação com a trombose venosa. **Res., Soc. Dev.**, v. 10, n. 14, p. e283101421798-e283101421798, 2021.

CORRÊA, D. A. S. et al. Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 51, n. 1, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Código de Ética Farmacêutica. Brasília:

Resolução 357 de abril de 2001.

DIEDRICH, J.T.; KLEIN, D.A.; PEIPERT, J.F. Long-acting reversible contraception in adolescents: a systematic review and meta-analysis. **Am J Obstet Gynecol**. 2017.

DUARTE, A. D. el al. Conhecimento sobre anticoncepcionais orais entre estudantes de medicina**. Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research** vol.34,n.3,pp.13-20 2021.

DRAGOMAN, M. V. The combined oral contraceptive pill-recent developments, risks and benefits. **Best Pract Res Clin Obstet Gynaecol.**, v. 28, n. 6, p. 825-834, 2014.

FARIAS, M. R. et al. Utilização e acesso a contraceptivos orais e injetáveis no Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 50, n. 2, 2016.

FEBRASGO. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. **Manual de Anticoncepção**. 2015.

FERREIRA, N. N. B.; DE ANDRADE, Leonardo Guimarães. Atenção farmacêutica na prevenção dos riscos e efeitos colaterais do uso de anticoncepcionais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 2, p. 839-847, 2022.

FONSECA, A. C. N; GOMES, A, T,; BARRETO, J, G,. Distribuição de anticoncepcionais em uma farmácia básica no município de São José do Calçado-ES. **Acta Biomédica Brasiliensia**, v. 6, n. 1, p. 10-20, 2015.

GIGLIO, M. R. P. et al. Contracepção hormonal segundo a ótica do estudante de medicina: mais um desafio para o ensino médico brasileiro? **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, p. 502-506, 2015.

GUEDES, J. V. M. et al. Evaluation of lipid profile, high-sensitivity C-reactive protein and D-dimer in users of oral contraceptives of different types. **Bras Patol Med Lab**, v. 54, p. 14-20, 2018.

JUREMA, K, C,; JUREMA, H, C,. Efeitos Colaterais a longo prazo associados ao uso de Anticoncepcionais Hormonais Orais. **Revista Cereus**, v. 13, n. 2, p. 124-135, 2021.

JURNO, M. E. et al. **Migrânea e anticoncepcionais hormonais**: riscos e autoconhecimento. MANTENEDORA, v. 31, n. Sup 5, p. 55, 2021.

KARLSSON, T. et al. Time-dependent effects of oral contraceptive use on breast, ovarian, and endometrial cancers. **Cancer Research**, v. 81, n. 4, p. 1153-1162, 2021.

LIMA, L. N. et al. Conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca dos riscos dos anticoncepcionais hormonais. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 36, p. e1335-e1335, 2019.

MATOS, B. N. et al**. Função sexual em usuárias de métodos contraceptivos**

reversíveis de longa duração. Dissertação apresentada à Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências 2020.

MATTOS, P.C. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu: 2015. Disponível em: https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf Acesso em: 28 out. 2011.

MELO, T. A. R. Protocolo clínico para prescrição farmacêutica de contraceptivos hormonais em âmbito institucional. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia**) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MERZ AA, GUTIÉRREZ-SACRISTÁN A, BARTZ D. Population attitudes toward contraceptive methods over time on a social media platform. **Am J Obstet Gynecol**. 2021 Jun;224(6):597

MOREIRA, K. A. et al. Anticoncepcionais hormonais: benefícios e riscos de sua utilização pela população feminina. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 13, n. 2, p. 45-80, 2022.

MOURO, L. B.; GONÇALVES, K. A. M. O uso imoderado do contraceptivo de emergência por mulheres jovens. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e366101522857-e366101522857, 2021.

OLIVEIRA, G. M., COSTAS, L. M.; FRANCO, J. V. V. (2021). Assistência Farmacêutica no uso de contraceptivos de emergências. AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH, 9(4), 40-51.

OLSEN, J. M.et al. Práticas contraceptivas de mulheres jovens: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, 2018.

PEREIRA, P. V. S.; ANGONESI, D. Efeitos do uso prolongado de contraceptivos orais. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, v. 21, n. 7/8, p. 21-28, 2013.

Pinheiro, J. V. Lima, L. G., Morcelli, G. E. M.; FREIRE, I. B. S. (2022). Papel do farmacêutico no uso racional de medicamentos. **Anais de Iniciação Científica**, 19 (19).

PINTO, L. F. de A.; RODOVALHO-CALLEGARI, F. V. .; CARBOL, M. Conhecimento de universitárias sobre os riscos e benefícios associados aos contraceptivos orais combinados. **Revista de Medicina**, *[S. l.]*, v. 99, n. 5, p. 423-431, 2020.

POMPERMAIER, C.; ZANELLA, G. Z.; PALUDO, E. EFEITOS COLATERAIS DO USO DOS CONTRACEPTIVOS HORMONAIS ORAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA . Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê, *[S. l.]*, v. 6, p. e27975, 2021.

PRETES, N. S; QUADROS, P. G. B. Avaliação dos efeitos adversos produzidos pela

utilização de contraceptivos hormonais. **Trabalho de conclusão de curso na Graduação em Biomedicina**, Universidade Cesumar, Maringá, 2020.

RANIERI, C. M.; SILVA, R. F.. Atenção farmacêutica no uso de métodos contraceptivos. **Monografia (Especialização em Farmacologia)-Universitário Filadélfia de Londrina UNIFIL, Londrina-PR**, 2011.

SANTOS, R. L. et al. Os riscos do uso prolongado de contraceptivos hormonais. **Res., Soc. Dev.**,v.9,n.11,p.1-18,2020.

SILVA, J. E. A relação entre o uso de anticoncepcionais orais e a ocorrência de trombose. **Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Farmácia)** - Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2017.

SILVA, A. K. R. PINTO, R. R. **Atenção Farmacêutica no uso de métodos contraceptivos: uma revisão narrativa**. Res, Soc. Dev., v. 10, n. 16, p.1-8,2021

SIQUEIRA, T. C.; SATO, M. D. O.; SANTIAGO, R. M. Reações adversas em usuárias de anticoncepcionais orais. **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiânia, v. 14, n. 4, 2018.

SORGI, C. M.; CALLEGARI, F. V. R.; CARBOL, M. **Conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias em relação aos métodos contraceptivos reversíveis de longa duração** (LARC). Medicina (Ribeirão Preto), v. 52, n. 3, p. 213-222, 2019.

SOUSA, I. C. A.; ÁLVARES, A. C. M. A trombose venosa profunda como reação adversa do uso contínuo de anticoncepcionais orais. **Rev. Cient. Sena Aires**. v. 7, n. 1, p. 54-65, 2018.

STECKERT, A. P. P.; NUNES, S. F.; ALANO, G. M. **Contraceptivos hormonais orais**: utilização e fatores de risco em universitárias. Arquivos Catarinenses de Medicina, v. 45, n. 1, p. 78-92, 2016.

WOLPE, L.; GRANZOTI, R. Alterações fisiológicas associadas ao ciclo menstrual: uma revisão sobre o tecido cutâneo. **Braz. J. Dev.** v. 6, n. 8, p. 01-13, 202

WIT, A. E. et al. Association of Use of Oral Contraceptives With Depressive Symptoms Among Adolescents and Young Women. **JAMA psychiatry**, v. 77, n. 1, p. 52-59, 2020.